

POLÍTICA

Parlamentarismo? Sarney não está convencido.

"Vamos deixar de hipocrisia. Neste país não há mais espaço para a mentira. O governo está defendendo os seus direitos, está atuando mesmo com todo respeito à Constituinte, porque não está omissa. Imperdoável seria que o governo se omitisse, mas a Constituinte é que decide, pois ela é soberana." O desabafo foi feito ontem, por volta das 19 horas, pelo ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, momentos depois de um longo encontro com o presidente José Sarney, no Palácio da Alvorada. Sarney, segundo o ministro, ainda não está convencido de que o parlamentarismo possa vir a ser o melhor sistema de governo para o País.

"O presidente me disse hoje (ontem) que ainda é pelo mandato de cinco anos e que é presidencialista, convencido de que o sistema presidencialista já foi testado e é o mais correto para o País", disse Costa Couto. Antes de uma reunião com o líder do PMDB na Câmara, Luiz Henrique, e o ministro-chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes.

Costa Couto disse que nem mesmo os parlamentaristas conseguiram chegar a um consenso sobre o que querem, lembrando que existem mais de dez formas diferentes de parlamentarismo em discussão na Constituinte.

A posição do presidente José Sarney, segundo o ministro, é pela manutenção do presidencialismo, mas sem que esse sistema seja imperial, como é hoje, com todos os poderes ao presidente Sarney.



Sarney vai dar um jeito em Ulysses.

O porta-voz da Presidência da República, Frota Neto, (foto) disse ontem que não há prazo, cronograma ou decisão política tomada para a realização de uma reforma ministerial. "O presidente Sarney poderá tomar essa decisão depois da promulgação da nova Carta, se a correlação de forças políticas tornar a medida necessária", disse ele. A reforma ministerial foi revelada pelo próprio Frota.



Em entrevista ao jornal O Estado, Frota disse que todo o ministério deve ser mudado. E mais: que Sarney não está conseguindo governar o País como deveria, porque "Ulysses (Guimarães) não tem deixado". Segundo o porta-voz, o presidente Sarney está só, e que se ele continuar só, o povo é que será prejudicado. Por isso é que Sarney, segundo Frota, "mudaria tudo".

Lembrava Costa Couto que o presidencialismo que ele deseja é aquele já exercido no País no governo do General Eurico Gaspar Dutra e pelos ex-presidentes Getúlio Vargas (na redemocratização) e Juscelino Kubitschek.

Novo Adiamento?

As principais lideranças partidárias passaram o dia de ontem, em Brasília, em sucessivas reuniões, procurando uma fórmula que viabilize a implantação do sistema parlamentarista ainda sob o governo Sarney, já não haveria mais problema. A tendência é no sentido da adoção da emenda com esse objetivo, proposta pelo senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ).

Até o início da noite, porém, ainda não se havia encontrado uma solução. Tanto que se chegava também à conclusão de que se deveria prorrogar, por mais uma vez, e por 24 horas, o prazo que o relator Bernardo Cabral tem para concluir seu novo substitutivo e apresentar o parecer. O prazo passaria de terça para quarta-feira.

Segundo o líder Luiz Henrique, não haveria problema para a aceitação das exigências que o presidente Sarney teria feito, na véspera: a da ação do voto distrital e a possibilidade de dissolução da Câmara dos Deputados no caso de não se conseguir organizar um gabinete.

"O que estamos procurando encontrar, agora, é uma fórmula que permita uma composição, para se estabelecer o sistema parlamentarista ainda sob o atual governo."

Um novo prazo para o segundo substitutivo

O relator da Comissão de Sistematização, Bernardo Cabral, terá um prazo entre 48 e 72 horas de prorrogação para apresentar o segundo substitutivo, que estava previsto para ser entregue amanhã até meia-noite.

A ampliação do prazo servirá, segundo argumentou Cabral, para que sejam continuados os esforços de negociação, principalmente

com relação ao sistema de governo, reforma tributária e reforma agrária, pontos ainda não fechados nas reuniões paralelas.

Cabral prevê que o sistema de governo a ser consagrado na futura Constituição não será nem o parlamentarismo clássico nem o presidencialismo imperial. Há uma grande possibilidade, segundo ele, de acordo em torno da emenda

Nelson Carneiro, com alguns ajustes. Cabral reconheceu que não há entendimento quanto à implantação do parlamentarismo — se durante o governo Sarney, se gradualmente ou se apenas a partir do sucessor.

A posição do governo sobre a reforma tributária que a Constituinte está promovendo foi definida ontem numa frase pelo ministro

do Gabinete Civil, Costa Couto: "Não podemos matar a galinha dos ovos de ouro". O governo, segundo ele, aceita o fortalecimento dos Estados e municípios, através da transferência de uma maior parcela de tributos, mas não acha possível elevar a carga tributária global sobre o setor produtivo para compensar a perda proporcional de receita da União.

A imprensa tem se concentrado nos difíceis contatos de Ulysses Guimarães com o presidente Sarney.

Experimentados na arte de conversar e desconversar, por certo não existiriam dificuldades intransponíveis para os dois políticos, prevenidos quanto às cautelas do que se pensa e não se diz e do que se diz e não se pensa.

Mas, entre dois experts nesta arte maquiavélica de expressar ou de esconder o pensamento, deve haver momento em que o engenho não se conjuga com a arte. E, sem dúvida, estes dias estão sendo difíceis para a conversa que deve ser franca o quanto possível, até porque cada um dos interlocutores deve perceber quando a verdade não está bem posta.

É certo que Ulysses tinha necessidade de dizer ao presidente Sarney — como o fez — que a tendência acentuada (2x1), segundo haviam concluído os líderes, era pelo parlamentarismo e pelos quatro anos de mandato.

Não é que Sarney descrediteasse da informação, mas o certo é que pós dúvidas quanto à sua manipulação. É que existem pesquisas e pesquisas, e que é possível promover levantamentos exatos com os resultados desejados, segundo o local, o horário, a faixa etária, salarial ou até as precauções dos entrevistados. O próprio Palácio do Planalto tem encomendado algumas pesquisas, inclusive sobre o sistema de governo, e tem obtido os resultados que planeja. Outro ponto importante nessas pesquisas é que o interessado, quando as contrata sem compromisso de publicá-las, só as divulga quando os seus resultados são favoráveis à tese que defende, embora sempre vazem as informações "reservadas".

O "não" de Ulysses ao presidente Sarney quando, após o relato lhe foi instado maior empenho da condução do tema, não foi uma negativa arrogante, como quis ver o líder do PFL, deputado José Lourenço, mas uma reação de legítima defesa do presidente do PMDB.

Ulysses é conhecido pela forma como dirige o partido e controla a maioria dos convencionais, só realizando as reuniões e as convenções quando já está seguro do seu resultado. E tanto isso é verdade que, a partir do momento em que perdeu o controle dessa maioria para a candidatura de Tancredo Neves, ajustou-se ao resultado previsto, declarando-se não mais candidato, mas cabo eleitoral de Tancredo. Mas a perplexidade de Sarney — não diria a desconformidade — quando Ulysses não quis arriscar seu prestígio partidário transformando a maioria parlamentarista em presidencialista, poderia alimentar-se com a realidade: se o presidente do PMDB, com seus 70 anos, não deseja esperar os cinco ou seis anos de mandato para candidatar-se à presidência, também não poderia deixar escapar a possibilidade de, num regime parlamentarista, vir a ser o primeiro-ministro, ou seja, o chefe do governo.

E, com essa pretensão, não estaria somando demais, pois todos os grupos em que se divide o Congresso e especialmente a Câmara da qual é presidente, torcem por sua saída do Legislativo: os amigos porque esperam subir com ele às culminâncias do poder; os concorrentes porque encontrariam vagas várias presidências e uma liderança que ele mantém fechadas desde que assumiu em lugar do general Oscar Passos, escudo militar de que se valeu o PMDB na sua fase de organização.

No encontro de sábado último, porém, o presidente entendeu melhor o

"não" de Ulysses, e admitiu examinar as sugestões do "parlamentarismo mitigado", denominação que o presidente do PMDB adotou para amenizar o impacto da mudança.

A verdade é que Sarney ouviu o "não" de Ulysses com o tom da carta do estudante que pedia dinheiro ao pai que entendia a frase final agressivamente ("papai, mande dinheiro"!!!) como se ela terminasse com três interjeições, enquanto a mãe fazia uma leitura amena e até ligava a frase final com o carinhoso beijo de despedida.

Agora, o presidente do PMDB levou os dados não apenas da Comissão, mas do conjunto da bancada com sua absoluta maioria parlamentarista. E ele que está sempre sobrenadando aos acontecimentos, neste momento, não se colocaria contra a corrente.

O fato é que todo o País se centraliza especialmente nos dois pontos de discordância política (o mandato e o sistema de governo), importantes, é verdade, mas que não justificam a quase paralisação dos trabalhos legislativos, deixando a Nação em suspense durante tantos meses.

Por isso, o relator Bernardo Cabral, que nesta fase recebeu 14.300 emendas, concluiu seu trabalho ontem, mantendo o texto do atual substitutivo, onde não houve concordância, ou onde não surgiram problemas, conforme se verificou com os contatos mantidos ontem com os sub-relatores.

Hoje, o texto será entregue à gráfica do Senado e ao Prodasen.

Bernardo Cabral lembrou também que a divisão na Comissão de Sistematização é de tal ordem que qualquer alteração do texto se torna difícil, pois exige um mínimo de 47 votos, que os grupos isoladamente não têm, mantendo-se nesse caso o original.

Publicado o avulso, os membros da comissão terão dois dias para requerer destaques, ficando a discussão e votação, nesse órgão, para o período de 21 de setembro a 2 de outubro.

Fizemos um levantamento dos votos na comissão, de forma direta ou indireta, e concluímos que a diferença é favorável ao parlamentarismo, mas por uma margem muito pequena, talvez três votos, e isso porque ainda pode ocorrer um trabalho direto que altere o mais próximo cálculo que é o do senador José Fogaça (seis ou sete votos), substituído pelo relator por ele escolhido para presidir as reuniões em suas ausências.

A realidade externa, no entanto, é um quadro de inquietação generalizado, a ponto de preocupar até mesmo o general Golbery do Couto e Silva, preso a uma leito de hospital.

O ideólogo do movimento de 64 e apontado como inspirador da "abertura" de Geisel e Figueiredo, ao telefone, teve oportunidade de confidenciar a um amigo que ele fora sempre antipopulista e disto fez praça muitos anos.

Ocorre que, agora — disse ele — os populistas que estão por aí — Brizola, Lula, Maluf, Jânio — prestam um enorme serviço à causa da Nação. Se não fossem eles, segurando as pontas e alimentando as esperanças de uma comunidade desesperada, não haveria autoridade que suportasse a avalanche de descontentamento.

Os populistas, segundo o general Golbery, são capazes de segurar determinados setores da comunidade com a promessa de que as soluções virão com eles, permitindo-nos atravessar o período das tormentas e aguardar dias melhores.

